

MONOTEÍSMO E HOMOFOBIA: UMA REFLEXÃO CRÍTICA A PARTIR DE NIETZSCHE, FOCAULT E ONFRAY

Francisco Fianco¹

resumo

O presente texto tem como objetivo a desconstrução argumentativa filosófica das críticas ao comportamento homoerótico por parte dos sistemas de pensamento religioso dotados de axiologias morais negativas, especialmente no caso dos monoteísmos (Judaísmo, Cristianismo, Islamismo). Para isso, nos valeremos principalmente dos textos de Michel Onfray: Tratado de Ateologia e Teoria do Corpo Apaixonado; de Nietzsche: Genealogia da Moral; e de Foucault: História da Sexualidade, bem como os textos fundamentais destas três religiões, a Torá (Antigo Testamento), os Evangelhos (Novo Testamento) e o Corão.

PALAVRAS-CHAVE: monoteísmo; homofobia; ateísmo.

abstract

This text aims at the philosophical argumentative deconstruction of criticisms of homoerotic behavior by religious thought systems endowed with negative moral axiologies, especially in

¹ Doutor em Estética e Filosofia da Arte (UFMG). Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras (UPF-RS).
E-mail: fcofianco@upf.br; fcofianco@gmail.com. <http://lattes.cnpq.br/2124983929639021>

the case of monotheism (Judaism, Christianity, Islam). For this, we will use the texts of Michel Onfray: *Treaty of Ateology and Theory of the Passionate Body*; of Nietzsche: *Genealogy of Morals*; and Foucault: *History of Sexuality*, as well as the fundamental texts of these three religions, the Torah (Old Testament), the Gospels (New Testament) and the Koran.

Keywords: monotheism; homophobia; atheism.

introdução

Em parte alguma eu desprezei aqueles que creem [...]. Em parte alguma. Mas por toda parte eu constatei o quanto os homens criam fabulações para evitarem olhar o real diretamente nos olhos. A criação de além-mundos não seria jamais grave se por ela não se pagasse um preço terrível: o esquecimento do real, donde a culpável negligência do mundo que é. Quando a crença condena a imanência, então é o ateísmo que reconcilia com a terra, que é o outro nome da vida. (ONFRAY, 2005, p. 23, trad. nossa)

O principal aspecto comum a todas as religiões, a despeito de suas infinitas e variadas formas, é a crença, quase a necessidade de crença, em uma realidade alternativa, em outro mundo, uma vida após a morte, uma transcendência almejada que faria da existência na nossa esfera ser apenas uma transição negativada até alcançar essa outra etapa que, aliás, dependerá, em diversas religiões, majoritariamente as ocidentais, do comportamento do sujeito nessa vida aqui, numa espécie de justiça poética, de teodiceia. Outro aspecto, porém mais centralizado aos monoteísmos ocidentais, é a condenação do diferente, e sua conseqüente perseguição e tentativa de eliminação. Seja de forma dialética, assimilando, ou analítica, eliminando, o pensamento ocidental monoteísta mostrou historicamente que fazia jus aos perigos que sua etimologia já insinuava: poucas razões para temer o teísmo, mas diversas razões para temer e fugir desesperadamente do modelo de pensamento mono, pois a exclusividade doutrinal sempre serviu de fundamentação aos ataques políticos e militares, transformando algo que por si mesmo podemos entender como divino em algo espúrio, mundano e perversamente hipócrita.

O primeiro aspecto, o da necessidade de um além-do-mundo, deriva de uma incapacidade de suportar a realidade trágica deste mesmo, baseando o pensamento transcendente em um ódio ao mundo e à vida. Ou talvez medo, senão uma mescla fermentada de ambos. O segundo desemboca em uma tentativa desesperada de eliminar aqueles que não compartilham a mesma fé, ou seja, não odeiam a vida, ao contrário, usufruem dela e a celebram. E uma das forças mais poderosas da vida é, como sabemos desde Freud, o afeto e a sexualidade. Essa é a razão pela qual todas as religiões, que são origem de todas as morais, restringem e disciplinam o sexo, como bem demonstrado por Foucault, ou mesmo o proíbem a determinadas classes de pessoas, como aos clérigos, que devem ser mais puros que os demais, ou seja, mais recalcados

para melhor recalcar, e às mulheres, a quem o sexo deve vir apenas como ônus, jamais como prazer. A única possibilidade de sexualidade legítima é aquela conjugal, doméstica e com vistas à procriação, pois assim se aumenta o rebanho e a clientela. De Paulo de Tarso à Agostinho, do Alcorão aos pastores televisivos com chapéus ridículos, da proibição do Vaticano do uso de preservativos num mundo dilacerado pelas doenças sexualmente transmissíveis, como a Aids e a vida miserável, por exemplo, este tem sido o modelo de pensamento predominante. Por isso a condenação do sexo que não visa a procriação mas que é, como manifestação de excesso de vida e alegria, algo que é buscado pelo seu puro prazer, algo que é expressão de amor como presente, o sexo pelo próprio prazer que ele me permite proporcionar ao outro. Por isso a condenação às “perversões sexuais” que diferem do coito vaginal, e especialmente, a condenação por parte de todos os monoteísmos e seus livros forjados para ser a palavra de Deus ao comportamento e à vida homossexuais e transexuais. E é a buscar os principais elementos dessa condenação que nos dedicamos nas linhas que seguem.

1. Pensamento Religioso e Homofobia

A criação de realidades paralelas é um indício de incapacidade de aceitar a própria realidade. Mas esse mecanismo sempre foi fundamentado por uma divindade criadora que organiza e detém o poder sobre a sua criação, ou seja, a religiosidade ocidental sempre dependeu da ideia de deuses ou, no caso dos monoteísmos, da ideia de único deus verdadeiro. Se o paraíso é a projeção ao revés da realidade insuportável, as divindades, por outro lado, são a projeção hipertrofiada do próprio ser humano:

Mas se mãos tivessem os bois, os cavalos e os leões, e pudessem com as mãos desenhar e criar obras como os homens, os cavalos semelhantes aos cavalos, os bois semelhantes aos bois, desenhariam as formas dos deuses e os corpos fariam tais quais eles próprios têm. (XENÓFANES, 2013, Frag. 15)

Isso vem a significar que são os próprios homens que criam seus Paraísos e suas divindades, ou seja, são eles mesmos que se humilham e se diminuem, e com isso sua vida e seu mundo, em oposição a estas construções do ideal. Os três monoteísmos defendem o abandono da vida real do aqui em prol de uma vida fictícia em um além inventado, trazendo a morte para dentro da vida em troca de uma eternidade no céu. “Seu combustível? A pulsão de morte e incessantes variações sobre esse mesmo tema.” (ONFRAY, 2005, p. 102, trad. nossa) Voltada contra si mesmo, ela gera os autoflagelos psicológicos e físicos dos indivíduos, econômicos e sociais nas culturas; quando se voltam contra o outro, o infiel, o descrente, o simplesmente diferente, o pecador, resultam nas perseguições, nas interdições, nos genocídios, nos atentados suicidas, nos crimes de ódio. Não há distinção aqui: a partir de uma análise histórica, os três monoteísmos são culpados de se alimentarem dessa pulsão de morte, desse desejo de não mais existir que o fraco nutre e com o qual pretende subjugar os fortes, os alegres, os felizes.

E a negação de si mesmo não poderia começar por outro aspecto do que pela diminuição da importância do corpo e, por consequência, de todas as formas livres de sexualidade.

Supondo que essa vontade encarnada de contradição e antinatural seja levada a filosofar: onde descarregará seu arbítrio mais íntimo? Naquilo que é experimentado do modo mais seguro como verdadeiro, como real: buscará o erro precisamente ali onde o autêntico instinto de vida situa incondicionalmente a verdade. Fará, por exemplo, como os ascetas da filosofia vedanta, rebaixando a corporeidade a uma ilusão, assim como a dor, a multiplicidade, [...] (NIETZSCHE, 2004, p. 108, grifos do autor)

A religiosidade se compõe, portanto, de duas dimensões: a positiva-negativa e a negativa-negativa. Na primeira, a positividade pode ser entendida como o consolo que os crentes têm em relação à vida, fazendo de sua fé como que uma fortaleza espiritual e psicológica, mas que não deixa de ser negativa à medida que é ilusória e falsa, ou seja, se baseia em projeções fantasiosas e além-mundistas para consolar com as promessas de um futuro transcendente ao sujeito que não consegue suportar a realidade com a qual se depara. A segunda dimensão, da redundante negatividade, é o sistema de interdições através das quais o deus monoteísta e suas manifestações seculares, as religiões institucionalizadas, se manifestam cotidianamente na vida e mesmo no pensamento dos seus seguidores acríticos. É a soma das culpas, das anulações de desejo, dos remorsos infundados e dos sentimentos de inferioridade ou humildade fingida que contaminam como um câncer, silencioso, escondido, a subjetividade moderna que, a despeito das promessas de liberdade a partir da superação do niilismo decorrente da Morte de Deus, ainda não consegue se livrar da sombra nauseabunda do pensamento metafísico.

Deus não se contenta apenas em proibir de comer o fruto proibido, pois, depois desse dia, ele não se manifesta senão por interdições. [...] Pois não se mede bem a obediência senão através das interdições. (ONFRAY, 2005, p. 106 et 107, trad. nossa)

Submissão e obediência inquestionada, esses são os objetivos da religião. As proibições e os interditos morais, excetuando-se, obviamente, as ações mais abjetas das quais o ser humano é capaz, a saber, todas, são as maneiras mais forte através da qual o sujeito sente a presença divina. As proibições de satisfação de seus desejos descritas nos livros sagrados beiram a comédia e, mesmo que possam ter gozado de algum sentido prático no seu contexto de surgimento, são contemporaneamente absurdas. Que o genocídio, a pedofilia e a discriminação são questões problemáticas da existência humana e sejam alvo de interdito é extremamente compreensível, mas que Deus proíba o consumo de certos tipos de carne, o uso de determinados tecidos, cortes de cabelo ou mesmo o que uma pessoa faz com seu próprio corpo é e sempre será absurdo. Embora, claro, pedofilia, genocídio e perseguição sejam efetivamente tradições dos patriarcas do monoteísmo desde sua fundação até os dias de hoje.

Do ponto de vista da narrativa bíblica, tomando o Antigo Testamento como o texto sagrado do judaísmo que vai influenciar tanto o cristianismo quanto o islamismo, legando-lhes a misoginia,

a intolerância, o fanatismo, o ódio ao corpo e ao mundo, o desprezar da vida, tomando este texto, então poderemos perceber como, além de inventar a guerra santa, os antigos judeus deram os primeiros exemplos de insensatez a respeito da perseguição dos homossexuais, transexuais e demais práticas sexuais não normatizadas. Além do pobre Onã, em Genesis 38:9-10, que foi trucidado pelo Deus Todo-Misericordioso por ter “derramado sua semente sobre a terra”, ou seja, se masturbado, encontramos algumas passagens bastante interessantes a respeito da homossexualidade. Diversas passagens condenam a prática homossexual direta e explicitamente como em Levítico, “Com homem não te deitarás, como se fosse mulher; abominação é;” (Lv 18:22), que também poderia ter sido dito pelo Mestre Yoda, e “Quando também um homem se deitar com outro homem, como com mulher, ambos fizeram abominação; certamente morrerão [todas as pessoas certamente morrerão, não só as que se deitam entre si!]; o seu sangue será sobre eles.” (Lv 20:13). Mas a condenação da homossexualidade aqui é muito mais política do que especificamente moral, uma vez que o que está em questão nesse livro do Levítico é a dominação cultural dos cananeus e a abolição de suas práticas, tanto sexuais quanto religiosas, que passam a ser entendidas como “abomináveis” aos olhos dos hebreus e, portanto proibidas. É a mesma lógica que faz de Javé, um deus específico de um vulcão específico, se transformar em deus único, o imperialismo militar e o pensamento totalizante. (FREUD, 1997, passim)

Porque o monoteísmo se realiza pela pulsão de morte, ele ama a morte, ele preza a morte, ele se regozija com a morte, ele é fascinado por ela. Ele a doa, a distribui massivamente, ele ameaça, ele passa ao ato: da espada sanguinolenta dos judeus exterminando os cananeus ao uso de aviões comerciais como bomba em Nova Iorque, passando pela detonação das bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki, tudo se faz em nome de Deus, abençoado por ele, mas, sobretudo, abençoado por aqueles que afirmam estar com ele. (ONFRAY, 2005, p. 228)

Mas de todas as referências à homossexualidade no Antigo Testamento, sem dúvida a mais esdrúxula é a de Sodoma e Gomorra que aparece em Gênesis 19, onde aparece que Deus, vendo que estas cidades, famosas por sua “libertinagem”, envia para a casa do mais devoto dos habitantes, Ló, dois anjos com a aparência humana, que despertaram a atenção dos moradores que queriam conhecê-los no sentido bíblico, nesse nosso caso, literalmente, ao que o devoto em questão oferece suas duas filhas em lugar dos anjos do Senhor para serem estupradas pela multidão, sem dúvida naquele contexto um exemplo não apenas de devoção religiosa como de zelo paternal. “E chamaram a Ló, e disseram-lhe: Onde estão os homens que a ti vieram nesta noite? Traze-os fora a nós, para que os conheçamos.” (Gn 19:5) Vendo a perversidade dos locais (e temendo pela integridade anal de seus anjos), Deus decide ele mesmo arrasar as cidades, fixando o termo sodomia como a prática de Sodoma, ou seja, o coito anal, prática condenável em absoluto: “Com nenhuma destas coisas vos contaminareis.” (Lv 18:24)

É preciso chamar a atenção, porém, para o fato de que a sodomia de forma específica não

corresponde ao que hoje nós comumente poderíamos chamar de homossexualidade. Ao passo que no período da história humana em que estes textos sagrados foram forjados a sodomia, condenável ou não, era entendida como uma prática de si, como uma atividade corporal claramente proibida ou obscuramente tolerada, a homossexualidade como a conhecemos, como uma construção de identidade radicada na orientação e na prática sexuais é um aspecto muito mais amplo da prática de si que um ser humano pode adotar, podendo ser ou não acompanhada da dita sodomia. É apenas a modernidade tardia que vai inter-relacionar os dois aspectos criando, nas palavras de Foucault, o tipo do homossexual, do afeminado que deve ter a sua profissão de afeminado, o tom de voz, a gesticulação, a vestimenta, etc.

Essa nova caça às sexualidades periféricas provoca a incorporação das perversões e nova especificação dos indivíduos. [...] O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: [...]. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. [...] A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie. (FOUCAULT, 1988, p. 43, grifo do autor)

De todas as interdições através das quais Deus aparece quase que exclusivamente, portanto, a mais forte é esta que se manifesta sobre o corpo: a obsessão da pureza. O pensamento monoteísta sempre operou dentro de categorias dualistas, opondo irremediavelmente puro e impuro, certo e errado, verdadeiro e falso, eu e outro.

Do lado do puro: o Uno, Deus, o Paraíso, a Ideia, o espírito; do outro lado, o impuro: o Diverso, o Múltiplo, o Mundo, o Real, a Matéria, o Corpo, a Carne. Os três monoteísmos partilham esta visão de mundo e projetam o descrédito sobre a materialidade do mundo. (ONFRAY, 2005, p. 109)

Enquanto representante da negatividade e da impureza, o corpo é o alvo da maioria das interdições monoteístas. Considerado sujo, fedorento, fonte do pecado, corruptível, espaço de ação do diabo, justificativa da dominação masculina, razão e alma, sobre o feminino, sensualidade e corpo, assim como, obviamente, condenação da homossexualidade masculina, comportar-se como mulher, ouvir mais o corpo do que a racionalidade que possibilita o autocontrole. É a criação cultural do corpo detestável. Do corpo que deve ser desprezado na terra para poder ser trocado por um corpo glorioso no paraíso. É o sinal de uma barganha espiritual originada na mesquinhez e no medo, na fraqueza e na ignorância.

Este mundo fora do mundo produz duas criaturas fantásticas: o Anjo e o Paraíso. O primeiro funciona como um protótipo de anti-homem, o segundo, de anti-mundo. (ONFRAY, 2005, p. 137)

Enquanto as asas dos anjos, mesmos dos que foram sodomizados, dando-lhes as possibilidades celestes, lhes deixam em uma situação de oposição à inexorabilidade terrestre e material do

homem, constituindo-se em modelo a ser desejado e buscado, modelo de transcendência, o modelo de Paraíso configura-se em uma antítese perfeita do mundo. A abundância do clima fresco do paraíso contrasta com as condições áridas das regiões médio-orientais na quais surgiram todos os monoteísmos, evidenciando sua criação não como uma expressão absoluta da verdade divina revelada, e sim como a satisfação fantasiosa de uma necessidade bem real e cotidiana: água, comida, repouso. Deus, o paraíso e sua geografia histórica testemunham não mais do que uma fantasia infantil de cuidado e carinho, de segurança e proteção.

O paraíso é, portanto, o inverso da realidade, a satisfação dos desejos, mas não apenas dos desejos primários que a psicanálise chamou de pulsões de auto-conservação do ego, como segurança e alimento. O paraíso também lida com a questão das pulsões objetais, ou seja, dos objetos de desejo, desejo carnal, desejo sexual. Etimologicamente, Paraíso significa "Jardim Fechado" ou "Jardim Escondido". Sabem por quê? Porque lá será permitido tudo o que na terra era proibido. Enquanto no Judaísmo e no Cristianismo haverá uma cessação de desejo carnal, o texto do corão dá um testemunho mais fiel dos verdadeiros desejos dos crentes:

No paraíso, tudo isso cessa, sem mais obrigações, sem mais ritos, sem mais rezas. No banquete celeste, se bebe vinho (LXXXIII, 25 et XLVII, 15), se consome porco (LII, 22), se canta, se usa ouro (XVIII, 31) – proibido aos vivos – se come e se bebe em pratos e taças de metais preciosos – proibido na terra – se usa seda – repugnante neste mundo, o fio é o dejetado de uma larva... – diverte-se com as houris (XLIV, 54), dispõe-se de virgens eternas (LV, 70), ou de efebos (LVI, 17) sobre leitos forrados de pedras preciosas – sob a tenda do deserto tem um tapete e as esposas legítimas, três no máximo... De fato, tudo aquilo que é proibido se torna de livre acesso, ad libitum... (ONFRAY, 2005, p. 139, trad. nossa)

O paraíso muçulmano oferece efebos, rapazes imberbes que podem ser objeto de desejos eróticos homossexuais. A condenação da homossexualidade no contexto religioso não se dá em virtude de que ela seja errada, de que o desejo de um homem por outro homem seja abominável, que os homens "normais" não os tenham, e sim que esta forma de prazer seja uma sublimidade reservada apenas ao paraíso, assim como o uso de metais preciosos, tecidos de luxo, carne de porco e vinho. É uma questão de contexto. O modelo de pensamento metafísico também nesse caso obriga ao sacrifício do momento presente e todas as manifestações de desejo em troca da promessa de uma beatitude e da realização plena e desmedida desses desejos num momento futuro inalcançável. E por que não fazemos do nosso próprio paraíso a terra, abolindo as regras sem sentido que limitam as diversas formas de expressão da afetividade humana em nossas sociedades, eliminando do seio da sociedade laica o pensamento religioso intolerante, abrindo mão do procedimento gnosiológico de rotulação das pessoas em posições estanques, da necessidade de definir estaticamente algo tão múltiplo e potencialmente maravilhoso como o ser humano?

A religião odeia a satisfação dos desejos, pois é justamente da miséria gerada pela sua não

satisfação que ele se alimenta enquanto faz suas promessas. Odeia igualmente a sexualidade desvinculada da procriação, para esta aquela seria um mal necessário. Com isso ela estende sua condenação aos símbolos dessa sexualidade: as mulheres e os homens voluptuosos, afeminados. A lógica é simples: como o sujeito não consegue nem eliminar nem aceitar satisfazer o desejo que ele sente, se defende psicologicamente transferindo essa culpa para o objeto que despertou o seu desejo, subjugando-o, agredindo-o, mutilando-o. Tudo o que as religiões monoteístas fizeram e ainda fazem com as mulheres pode ser extensível aos grupos sociais que desempenham uma sexualidade alternativa em relação ao comportamento normatizado da sociedade, a heterossexualidade genital e matrimonial com vistas à procriação. Se a culpa primordial, a expulsão do paraíso, se deve a uma mulher e a uma cobra falante, e já que não temos mais, infelizmente, cobras falantes para perseguir, o ódio à vida se volta contra o feminino, e isso fundamenta a sua submissão e a necessidade de sua vigilância por parte dos homens que por ela são responsáveis.

As religiões do Livro detestam as mulheres: elas amam apenas as mães e as esposas. Para salvá-las da sua negatividade consubstancial, não há para elas mais do que duas soluções – de fato duas a um mesmo tempo – esposar um homem e depois lhe dar filhos. [...] não sobra mais lugar para o feminino nelas: a esposa e a mãe matam a mulher, é isso que contam os rabinos, os padres e os imanes para tranquilidade do macho. (ONFRAY, 2005, p. 143, trad. nossa)

O que, então, essa cultura vai pensar dos homens que adotam comportamento de mulher, que, nascendo privilegiados, se “rebaixam” ao feminino? Eles são condenados pelos mesmos motivos que as mulheres são desprezíveis dentro desse sistema de pensamento. Seu corpo é corrupto, fonte de pecado, exala uma sexualidade que se autofundamenta, pois não está direcionada para a procriação. Seu desejo é desprovido de medo, e, desafiando as regulamentações sociais sobre o sexo, desafia a estrutura social como um todo, causando terror naqueles que se beneficiam com a manutenção da ordem social patriarcal e machista. A sexualidade livre, na medida em que não está subordinada ao papel de mãe, pai, marido ou esposa, pode, portanto, ser construída de forma muito mais ampla e diversa, na qual o prazer sem culpa da sexualidade seja o fim em si mesmo da ação, e não o caminho inexorável, o mal necessário sem o qual a sacrossanta família seria impossível. O monoteísmo, incapaz de aceitar e lidar com o seu desejo em confronto com a realidade, odeia todo o desejo que se manifeste espontaneamente, condena a sexualidade livre, seja ela hetero ou homossexual.

Em nome desse mesmo princípio, os três monoteísmos condenam à morte os homossexuais. Por quais razões? Porque a sua sexualidade impede – ainda hoje... – os destinos de pai, de mãe, de esposo e de esposa, e afirma claramente a primazia e o valor absoluto do indivíduo livre. (ONFRAY, 2005, p. 144, trad. nossa)

Ao contrário do Islamismo, que promete uma possibilidade de sexualidade, inclusive homossexualidade, sem culpa no Paraíso, o Cristianismo tenta criar uma suspensão do desejo

na Terra para merecer o Paraíso, aonde nenhum desejo virá incomodar os homens, uma vez que o desejar seja entendido, na esteira do argumento platônico do Banquete, como negatividade, dor, sofrimento, ausência terrível de algo. A resposta, nesse caso, vem através da castração que, se entre os judeus é fatural, dessensibilizando o pênis e diminuindo o prazer decorrente do ato sexual através da ritualização mutiladora e pré-histórica da circuncisão, no cristianismo se torna um processo mental, uma castração psicológica através da qual os desejos são reprimidos e engolidos. É através desse processo que diversas pessoas negam sua sexualidade e adotam os padrões sociais que lhes são exigidos, perdurando em uma vida de miséria espiritual que não atinge apenas a eles mesmos, senão a todas as pessoas que lhes cercam, e que podem, talvez, buscar na mesma religião que os condenou a esta miséria o consolo de seus tormentos. Não chegam ao exagero de Orígenes que, a partir de uma interpretação literal do Evangelho segundo São Mateus (19:12), um trecho antes do “Deixai vir a mim as criancinhas...”, cortou seus próprios testículos (apenas para descobrir, tarde demais, que o desejo nasce na cabeça, e não mais abaixo), mas tornam-se castrados psicológicos, obedecendo ao que prega abundantemente a literatura monoteísta, a extinção do desejo e o desprezo da carne, e com eles, da vida.

Esse processo de castração psicológica no cristianismo têm raízes e origens profundamente estabelecidas na figura e doutrina de Paulo de Tarso que, após um ataque de cegueira histórica a caminho de Damasco, converteu-se e tornou-se um dos principais propagadores do Cristianismo nos primeiros anos de nossa era. Mas o cristianismo de Paulo de Tarso não era exatamente igual à mensagem de Cristo, o que deixa uma enorme distância entre os Evangelhos e as suas Epístolas aos diversos povos cristãos. Paulo disserta sobre diversos pontos a respeito dos quais nos Evangelhos se silencia, criando um cristianismo à sua maneira, ou seja, misógino, culturalmente agressivo, masoquista, desprezador do corpo e que acaba por expandir à toda a bacia do Mediterrâneo o ódio à vida e a incapacidade de lidar com a realidade do próprio Paulo, contaminando não apenas as culturas que lhe eram contemporâneas, mas legando essa contaminação ao mundo inteiro e à todas as épocas.

Assim como com os Efésios, os Coríntios, os Romanos, os Gálatas, os Tessalonicenses, os Filipenses, ele derrama com fervor seu veneno evangélico, despreza o corpo, detesta o desejo, condena o prazer, fustiga a sensualidade, codifica a sexualidade, sustenta a virgindade e concorda apenas com os atos indispensáveis para a reprodução da espécie. (ONFRAY, 2000, p. 115, trad. nossa)

O desenvolvimento do cristianismo paulino, bastante distante dos Evangelhos e mesmo de Jesus, se baseiam na misoginia, na culpabilidade do desejo e na eliminação do corpo, assuntos a respeito dos quais a mensagem original do Evangelho silencia. O abandono da corporeidade, do mundo concreto, condenando-o como algo negativo, desmerecido, inserido, obviamente, na tradição platônica da teoria dos dois mundos, vigente no mediterrâneo através da expansão da cultura helenista, fundamenta a doutrinação de matar o desejo e com ele qualquer expressão

de sexualidade, vivendo a carne e o corpo como se o sujeito fosse um cadáver, como se já estivesse morto e alheio à vida. Dessa forma, a continência deve ser proporcional ao desejo a ser combatido, criando as virtudes desnecessárias e cruéis do autocontrole e da castidade.

considerações finais

Com este nosso texto, tentamos demonstrar como o pensamento religioso, especialmente o monoteísta, não ataca apenas a homossexualidade e suas práticas de si, e sim a sexualidade humana não regulamentada por suas estruturas de poder e dominação como um todo, negando a expressão da corporeidade e da sexualidade como elementos intrínsecos e positivos da existência humana e transformando-os apenas em elementos a serem utilizados como mecanismos de culpa a ser expiada, reforçando a dominação ideológica que da qual tais modelos de pensamento se alimentam plurimilenariamente. A ignorância dogmática do pensamento religioso não atinge apenas os homossexuais e os transexuais, mas todos os seres humanos que tem a coragem de quebrar esse ciclo de ódio à vida e ao sexo, apenas se intensificam em relação aos homossexuais porque suas práticas não se conformam ao modelo religioso de "sexo apenas com intenção de procriação". Nesse sentido, podemos entender os homossexuais e transexuais quase como bodes expiatórios do processo de revolução dos costumes do séc. XX, uma vez que a quase totalidade da sociedade, inclusive os homofóbicos e os crentes, pode hoje gozar dos benefícios de liberdade da sexual que foram conquistados justamente através das lutas e sacrifícios desses grupos na história recente.

referências bibliográficas

NIETZSCHE, Friedrich. Terceira Dissertação: O que significam Ideais Ascéticos? In: Genealogia da Moral: Uma Polêmica. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ONFRAY, Michel. Théorie du corps amoureux: Pour une erotique solaire. Paris: Edition Grasset & Fasquelle, 2000.

ONFRAY, Michel. Traité d'Athéologie. Paris: Edition Grasset & Fasquelle, 2005.

GÊNESIS. In: Bíblia Católica. Disponível em: <http://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/genesis/#.UmB_ElCsgus> Acessado em: 17 out. 2014.

LEVÍTICO. In: Bíblia Católica. Disponível em: <http://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/levitico/#.UmB_ElCsgus> Acessado em: 17 out. 2014.

FREUD, Sigmund. Moisés e o Monoteísmo. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade, Vol. I: A Vontade de Saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 12ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

XENÓFANES. Fragmentos. Disponível em: <http://www.filosofia.com.br/figuras/livros_inteiros/17.txt> Acessado em: 26 mar. 2013.